

## Editorial da Edição Especial

O grupo de trabalho *Cotidiano e Práticas Sociais* foi constituído no VIII Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP), realizado em Serra Negra, SP em 2000. Emergiu das preocupações de pesquisadores de diversas áreas da Psicologia com a crescente separação entre as elaborações teóricas e os desafios da sociedade da qual fazem parte. A pobreza, a desigualdade e a exclusão social; a ausência de políticas públicas sociais no âmbito nacional, e a crescente re-configuração do espaço público a partir de atores governamentais e não governamentais traz uma agenda urgente de pesquisa de tópicos com implicações éticas, epistemológicas e metodológicas. O objetivo geral do grupo é de assumir essa agenda e buscar as bases para a construção de uma Psicologia que consiga responder aos desafios postos, sendo coerente como teoria e prática - tanto na sala de aula, como no campo de pesquisa e na prática profissional.

Muitos dos membros do grupo original tinham uma longa história de trabalho conjunto que extrapolava os fazeres específicos de suas áreas de atuação, estabelecendo um rico diálogo centralizado em práticas e projetos variados. Um dos eixos iniciais de trabalho do grupo foi a discussão metodológica da pesquisa social e das estratégias de intervenção. Esta preocupação é ainda hoje compartilhada por vários membros do grupo, entre eles: Solange Jobim, Marcos Reigota, Henrique Nardi, Márcia Moraes e Benedito Medrado.

Um outro eixo de trabalho do grupo é o da análise de *práticas discursivas*, onde Mary Jane Spink e Marcos Reigota tem uma longa história de colaboração que tem como locus o Núcleo de Pesquisa em Práticas Discursivas e Produção de Sentidos do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A partir de 2000, Neuza Guareschi se juntou a essa discussão trazendo a contribuição do campo dos Estudos Culturais.

A terceira versão do GT *Cotidiano e Práticas Sociais*, reunido no Simpósio da ANPEPP de 2006, assumiu o desafio de trabalhar em uma proposta de produção coletiva e produziu uma série de textos que foram publicados na forma de livro pela Editora Cortez em 2006. Esta coletânea, intitulada *Práticas cotidianas e a naturalização da desigualdade: Uma semana de notícias nos jornais* tem por organizadores Mary Jane e Peter Spink.

Em sua quarta edição, por ocasião do XI Simpósio da ANPEPP, o GT procurou responder diretamente ao desafio de delinear perspectivas de ação que possam contribuir para a formação de docentes e pesquisadores na área. O tema aglutinador foi definido como "Maneiras de pesquisar *no cotidiano*" de modo a contribuir para a formação na pesquisa em Psicologia. As reflexões decor-

rentes desse encontro integram este número especial da revista *Psicologia e Sociedade*.

No que concerne *os modos de pesquisar no cotidiano*, as propostas individuais interconectam duas ordens de preocupação presentes desde a criação do GT: a criação de espaços que propiciem a reflexão ético-política como forma de produção de conhecimentos compartilhados com dimensões políticas, e o foco em textos e imagens que circulam no cotidiano. O primeiro aspecto foi abordado, sobretudo, pela ênfase na pesquisa-intervenção. O segundo, focaliza uma variedade de textos e imagens que circulam no cotidiano de modo a buscar entender como circulam os repertórios que utilizamos para dar sentidos às nossas ações.

Quanto às *contribuições para a formação em pesquisa*, para além do ensino de métodos, as reflexões do grupo priorizam a interdisciplinaridade e a abordagem crítica de cunho construcionista. Ao invés de buscar leis gerais ou estruturas iminentes subjacentes à multiplicidade dos dados, a postura adotada procura descrever concretamente e continuamente as redes, conexões, vínculos, e laços entre humanos e não humanos. Adota uma concepção de produção de conhecimento pautada pelo compromisso ético que toma a pesquisa como forma de intervenção social que tem necessariamente uma dimensão política.

Os textos que integram esse número especial da revista *Psicologia e Sociedade*, de autoria dos membros do GT que participaram do XI Simpósio da ANPEPP, interconectam três temáticas: o foco em espaços de pesquisa-intervenção; análise de textos e imagens que circulam no cotidiano e formas de pesquisar em espaços públicos de convivência.

Cinco textos têm por foco os *espaços de pesquisa-intervenção* e, neles, os autores e as autoras buscam criar espaços que propiciem a reflexão ético-política como forma de produção de conhecimentos compartilhados. Essa preocupação se expressa melhor nas pesquisas-intervenção, que articulam, recriam e reescrivem situações variadas do cotidiano por meio de grupos de reflexão, oficinas focais, oficina de teatro, conversas do cotidiano. Nessas pesquisas-intervenção, que envolvem interações face-a-face, busca-se trazer o que está colocado no cotidiano, a polissemia de vozes, fazer fluir o discurso, possibilitando que se deflagrem outras práticas discursivas.

O primeiro texto desse conjunto, de autoria de Benedito Medrado Dantas, da Universidade Federal de Pernambuco, e Ricardo Pimentel Mélló, da Universidade Federal do Ceará, aborda o tema da violência, tendo como recorte os homens que cometem violência contra mulheres. Intitulado *Posicionamentos críticos e éticos sobre a violência contra as mulheres*, contrapõe-se aos argumen-

tos que terminam levando à execução de propostas simplistas que se resumem à punição, especialmente na forma de privação da liberdade. Em uma linha alternativa, este ensaio tem por foco as práticas discursivas que fomentam e sustentam as posições antagônicas de “agressor” e “agredida”, buscando pensar os jogos discursivos que constituem essa relação para assim promover espaços de escuta que possam complementar ou substituir os espaços de tratamento.

O texto seguinte, intitulado *A estética da delicadeza nas roças de Minas: Sobre a memória e a fotografia como estratégia de pesquisa-intervenção*, de autoria de Denise Sampaio Gusmão e Solange Jobim e Souza, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, se reporta a uma pesquisa-intervenção mais ampla realizada em um pequeno povoado situado na região leste de Minas Gerais. O objetivo é apresentar a estratégia metodológica que, ao se beneficiar do uso da fotografia, traz à tona o tema da memória como dispositivo estratégico para a construção de uma educação estética do olhar, calcada no diálogo entre as gerações.

Segue o artigo de Marcia Moraes, da Universidade Federal Fluminense, que tem por título *A contribuição da Antropologia Simétrica à pesquisa e intervenção em Psicologia Social* e visa discutir os modos de pesquisar com deficientes visuais. O artigo relata o trabalho de uma Oficina de Expressão Corporal com jovens deficientes visuais. Parte da problematização de uma maneira de intervir que considera o campo de pesquisa como algo fora de nós e, apoiada na Antropologia Simétrica de Latour, conclui indicando que intervir é produzir realidades inéditas e que o papel do pesquisador é seguir os atores em ação.

O texto de Henrique Caetano Nardi, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é intitulado *O estatuto da diversidade sexual nas políticas de educação no Brasil e na França: A comparação como ferramenta de desnaturalização do cotidiano de pesquisa*. Tem por objetivo descrever e problematizar o cotidiano da construção de uma pesquisa que, ela mesma, busca entender como se produz, a partir da implantação de políticas públicas, ações sobre um cotidiano naturalizado de discriminações de caráter homofóbico e sexista nas escolas do Brasil e da França. Além de apresentar informações e hipóteses que emergem do trabalho de campo, a intenção do texto é apresentar os desafios de uma pesquisa que mergulha no cotidiano de culturas e contextos socio-econômicos distintos.

Esse conjunto de artigos se encerra com a reflexão de Marcos Antonio dos Santos Reigota, da Universidade de Sorocaba, sobre a educação ambiental no governo do Presidente Lula. Intitulado *Cidadania e educação ambiental*, analisa eventos políticos, ambientais e pedagógicos ocorridos durante o primeiro governo Lula (2002-2006) e alega que houve uma crise ética e política

que provocou o esfacelamento da representação de cidadania construída no movimento de resistência na ditadura militar (1964-2004). Diante desse fato, questiona o papel da educação ambiental como educação política que teria por principais fundamentos a cidadania e a ética e aponta alguns dos desafios para a formação de uma nova geração de educadores ambientais.

Trabalhando com documentos de domínio público, esse texto faz conexão com o segundo conjunto, voltado à análise de *textos e imagens que circulam no cotidiano*. O objetivo aglutinador dessas reflexões é compreender como circulam no cotidiano os repertórios que utilizamos para dar sentidos às nossas ações, sendo as mídias (jornais, revistas, televisão, *internet*, panfletos, *outdoors*) importantes estratégias de veiculação desses repertórios. Diferentes campos de saber têm utilizado a mídia como ferramenta de pesquisa no cotidiano, mas, no campo da Psicologia, essa tradição está mais presente na Psicologia Social.

Três textos abordam a mídia. O primeiro, de autoria de Neuza Guareschi e Patrícia Flores de Medeiros, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, tem por objetivo investigar o que a mídia visibiliza como sendo o sujeito das políticas públicas de Saúde, o que *esconde* e o que está na superfície de questões implicadas em uma identidade nacional: a de cidadão brasileiro. O ensaio intitulado *A pesquisa na mídia: Produção de saberes no cotidiano sobre a saúde das filhas deste solo*, tem por foco a série “Filhos deste solo”, um quadro do programa de TV intitulado *Fantástico* no qual o dr. Drauzio Varella se propõe a discutir o que está por trás das estatísticas sobre o crescimento da população brasileira e a saúde da mulher brasileira. Mediante este exercício de análise de um quadro de programa de TV, faz algumas reflexões sobre o sujeito-mulher-desejado no discurso midiático que, ao fazer circular informações sobre a política de Saúde do Estado, ensina quais são as práticas do cotidiano sobre planejamento familiar e saúde, bem como o modo como a cidadã-mulher deve se comportar em relação aos seus direitos e deveres para com a sua saúde e a saúde do seu país.

O texto seguinte, de autoria de Vera Sonia Mincoff Menegon, da Universidade Católica Dom Bosco, em Mato Grosso, tem por foco as notícias sobre saúde veiculadas em cinco jornais de Campo Grande, MS. Intitulado de *Crise dos serviços de saúde no cotidiano da mídia impressa*, o artigo parte do pressuposto de que a mídia é um importante espaço de difusão de informações, atuando como co-produtora de sentidos e de subjetividades no cotidiano das pessoas. A partir da análise das notícias que tinham como tema serviços de saúde e, sobretudo, a crise nesses serviços, problematiza o posicionamento do hospital como *locus* privilegiado no cuidado com a saúde e as formas verticais de negociação que dificultam a im-

plantação plena de um Sistema Único de Saúde (SUS) pautado pelos eixos da integralidade e da humanização na atenção à saúde, conforme propostas defendidas pela Saúde Coletiva e outras áreas que atuam na saúde, entre eles a Psicologia.

Encerrando a série, o texto *Posicionando pessoas como aventureiros potenciais: Imagens de risco-aventura em matérias de revista*, de autoria de Mary Jane Paris Spink, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, faz uma análise diacrônica de notícias sobre risco-aventura veiculadas na revista *Veja* de 1968 a 2003 de modo a compreender o processo de legitimação da posição de aventureiro. As imagens, nesse processo, têm papel fundamental: constituem parte da informação e apoio ao texto. Mas geram outros efeitos, entre eles, permitir a vivência de acontecimentos aos quais não teríamos acesso direto, seja pelos custos envolvidos nessas atividades, seja pela falta de competência técnica para tal.

Quanto ao último tema, o objetivo é desenvolver formas de pesquisar e de compreender os *espaços públicos de convivência*. Nesse caso há que haver uma ampliação da noção de práticas discursivas de modo a incorporar as diversas modalidades de socialidades e materialidades que estão presentes no dia-a-dia. Ao se pesquisar *no* e *com* o cotidiano dos espaços públicos considera-se a inter-relação de pessoas, as conversas, as sinalizações visuais, os edifícios, ruas, lojas, bancas de jornal, ônibus, carros e muitas outras materialidades e socialidades.

Dois textos ilustram esse objetivo. O primeiro, de autoria de Peter Kevin Spink, da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, aborda a temática do *O pesquisador conversador no cotidiano*. Partindo da proposta de que o cotidiano é tudo que temos, de que só há lugares e micro-lugares entendidos como pequenas seqüências de eventos e nada mais além disso, o texto explora as consequências para a pesquisa em Psicologia Social, focalizando não somente os lugares e suas re-descrições, mas também o re-posicionamento do pesquisador no cotidiano, não mais como *expert*, mas como um entre muitos membros competentes de uma comunidade moral que busca argüir e agir para melhorias, tal como também fazem os demais membros.

Ainda nesse eixo, Ronald João Jacques Arendt, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no texto intitulado de *Maneiras de pesquisar no cotidiano: Contribuição da teoria do ator-rede*, procura mostrar que a ênfase do posicionamento epistemológico-metodológico com a qual está envolvido recai no ‘como’ da pesquisa, que a fonte de dados provém do cotidiano em suas articulações e proposições, e que, como pesquisador alinhado com as proposições da teoria do ator-rede, os modos de pesquisar privilegiam a descrição de redes sócio-téc-

nicas. Refletindo sobre um texto de Bruno Latour, procura mostrar que nesta abordagem não é o pesquisador que estabelece os aspectos éticos envolvidos na investigação; quem “sabe” são os atores envolvidos, de modo que os pesquisadores precisam aprender a seguir os atores e formular a eles as boas questões.

Trata-se, pois, de uma diversidade de posições e modos de pesquisar no cotidiano que provém de afiliações teóricas diversas, instituições e lugares distintos. Participar do Grupo de Pesquisa, com suas reuniões bienais, é uma forma profícua de criar espaços de convivência que possibilitam a abertura ao diálogo e à escuta privilegiada que faz da diferença um ponto de partida para a aprendizagem de uma forma de convivência que não clama por consenso ou hegemonia.

**Mary Jane P. Spink**

Coordenadora do GT na edição de 2006

**Neuza Maria Guareschi**

Organizadora desta edição temática  
da *Psicologia e Sociedade*